

Apresentação

Na era da urbanização planetária não é mais possível deixar de reflectir sobre a condição humana a partir da condição urbana, identificando as novas dinâmicas de isolamento e convivência. A complexidade (e heterogeneidade) do mundo urbano contemporâneo não pode ser submetida a uma qualquer redução que esqueça (re-)equacionar a construção das identidades dos sujeitos; assistimos não apenas a deslocalizações e a fragmentações mas também a novas formas de poder, renovadas territorializações e distintos mapeamentos permitidos pela própria justaposição do espaço físico e informático.

Os crescentes receios do isolamento dos cidadãos, da retracção das dimensões pública e política, provocados pelo progresso das tecnologias (Bauman), invadem, frequentemente, as nossas vidas, pois somos confrontados com novas formas de sociabilidade e outros modos de apropriação pessoal e social da técnica e da informação, com consequências na vida pública e na configuração do humano. No entanto, o desafio pode constituir-se em torno de novos horizontes antropológicos que suscitam, antes de mais, ultrapassar as tradicionais dicotomias

individual e social, sublinhando-se o habitar (Heidegger) como condição de fazer e dar espaço, como condição de viver plenamente, de suprir a falta que todo o inabitado suscita, que o inabitável revela, pela renovação dos projectos políticos como experiências do comum – espaço de experiências e aprendizagens que devem contribuir para a habitabilidade, para a humanização e, sobretudo, para evidenciar o habitar como exigência de liberdade, num combate incessante à barbárie vulgar (Paquot).

Neste sentido, devemos, procurar, de facto, saber o que significa era urbana generalizada, para tentarmos compreender o que significa, hoje, habitar, construir iguais, edificação do comum, pessoa.

Reflectir, então, sobre a condição humana a partir da condição urbana, considerando a polis, a civitas, a cidade de Deus, o bem comum, a cidadania, a democracia, a identidade, o espaço público, o lugar do político, o habitar, a economia, a pessoa, a alteridade ou a interculturalidade (entre outras noções e conceitos) só pode constituir-se como uma renovada abordagem, na medida que a reflexão é realizada num contexto de globalização. Pensar a condição humana na contemporaneidade implica, assim, atender à complexidade crescente da construção da identidade; aos novos fluxos e mobilidades, regionais e globais; às novas formas do exercício do poder – na articulação com a economia de mercado e com as novas tecnologias – e às diferentes relações que, a partir das conexões entre o local e o global, pautam a vida e os projectos de vida.

A condição urbana, ainda que esta se situe, cada vez mais, para além da urbe, como modo de ser e de estar, sempre esteve articulada com a construção da pessoa.

Uma relação que visava sobretudo a construção do bem comum – representado na harmonia na cidade perfeita (Platão) – e/ou de uma sociedade civil justa que implica, para o homem, a saída do estado de natureza (Kant).

Para Platão o homem justo não existe sem cidade justa. Deste modo, na cidade platônica, a urbanidade do pensamento, enquanto educação filosófica, não é apenas um meio mas um objectivo da polis na formação da virtude, nas artes da política, enfim no governo da cidade. Para Kant a progressão do homem com vista aos seus fins supremos diz respeito à espécie humana e não ao indivíduo; a liberdade e o dever moral são inseparáveis, na afirmação que o sujeito moral é o sujeito autónomo.

A reflexão filosófica tem convocado a necessidade de reconhecer a natureza humana como perfectível, colocando no horizonte dessa perfectibilidade o desenvolvimento da autonomia e da identidade mas também a difícil tarefa de construir o comum. A polis apresenta-se como uma cidade de pessoas e comporta o desejo de civilidade (e de humanização) que se tem traduzido no esforço por compreender a convivência que nos institui e por pensar a cidade como espaço de iguais. Para os gregos era artificial separar o interesse particular do interesse geral, já que (...) considerar um indivíduo isoladamente, ou fora da cidade, não tinha qualquer sentido; a vida em comunidade era natural e fundamental para o equilíbrio político (Latour).

Com efeito, a socialidade é uma especificidade humana fundamental que se revela e concretiza no e pelo espaço público, pensado e vivido em urbanidade,

isto é, numa comunidade de pessoas e de sentido, mas que na era urbana e tecnológica globais aparece, frequentemente, dividida entre um individualismo que se manifesta na «cultura da personalidade», esvaziando a vida pública (Sennet), e uma socialização mediada pela hiperconexão.

A sociedade tecnológica e a cultura da imagem podem, sabemos, fragmentar o homem e transformar a experiência pessoal em experiências anónimas e impessoais, no entanto, coloca-nos, no mesmo gesto, o desafio de renovadas reflexões que implicam questionar uma crescente pós-organicidade pelo resgate da experiência do pensar como experiência fundamental de alteridade e de ser pessoa.

Com este livro procura-se, portanto, reconhecer e analisar algumas questões que pensamos essenciais à urbanidade contemporânea na medida que podem esclarecer nos diferentes modos de habitar as novas figuras do humano.

Esta publicação enquadra-se no âmbito da investigação em curso no GI Filosofia e Espaço Público, do GFE do Instituto de Filosofia (UI&D) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, que coordenamos. Não se pretende, todavia, que este livro represente uma qualquer síntese – que seria sempre provisória – da referida investigação, pois não reúne todos os nossos textos sobre a problemática em questão nem reflecte o trabalho sistemático que tem sido levado a cabo pelos membros do grupo¹.

¹ Como não podemos aqui referir todos os trabalhos que os membros do grupo já publicaram, mencionamos apenas as obras colectivas:

Com os textos aqui apresentados, deseja-se continuar a tecer os laços entre Filosofia e Cidade e partilhar um sentimento que nos tem visitado: se a Filosofia quer sobreviver a mais uma mudança da História, talvez das mais marcantes e das mais decisivas, deve confrontar-se em radicalidade com as transformações que o mundo lhe dá a pensar.

Dos trabalhos reunidos – que correspondem a cinco capítulos – neste volume três foram já publicados, ainda que sejam novas versões, pois apresentam alterações, por vezes, significativas, e dois são textos originais. O primeiro, «Condição urbana e a construção do comum», e o terceiro, «A cidade e as novas geografias económicas e virtuais», são publicados pela primeira vez neste livro. «Habitar e Acolher», o segundo texto, é uma segunda versão, pois comporta algumas alterações. A primeira versão foi publicada em 2009 na Revista Espanhola de Ciência, Tecnologia y Sociedad, y Filosofia de la Tecnología – Argumentos de Razón Técnica, no número especial «Modos e figuras do habitar na sociedade contemporânea», Universidad de Sevilla. No quarto texto, «A configuração de um rosto-alma na cultura contemporânea», com a primeira publicação em

-
- *A Filosofia e a Cidade*, Paula Cristina Pereira (org), Porto, Campo das Letras, 2008, 199 pp., ISBN: 978-989-625-353-0;
 - *Argumentos de Razón Técnica*, Revista espanhola de Ciência, Tecnologia y Sociedad, y Filosofia de la Tecnología, Paula Cristina Pereira (editor-convidado) do número especial *Modos e figuras do habitar na sociedade contemporânea*, Universidad de Sevilla, 2009, 262 pp., ISSN: 1139-3327;
 - *A Filosofia e a Cidade*, vol. II, Paula Cristina Pereira (org.), Porto, Edições Afrontamento, 2010, 212 pp., ISBN: 978-972-36-1162-5.

2007 na Revista Semestral da Faculdade de Filosofia da PUC Campinas, Reflexão, ano 32 n.º 91, foram agora introduzidas algumas alterações, sobretudo no sentido da actualização que as transformações do mundo vão exigindo, no que respeita, de um modo geral, aos fenómenos de globalização, e, em particular, à volatilidade dos mercados. O último texto, «Alteridade e Contemporaneidade», resulta da síntese de dois textos publicados sobre a problemática da alteridade – «La diferencia como primado de lo humano» em 2007, na Revista Espiritu: cuadernos del Instituto Filosófico de Balmalesiana, Barcelona e «O Outro. Por uma antropologia do sentido», capítulo do livro Eu e o Outro. Estudos Multiculturais sobre Identidade(s), Diversidade(s) e Práticas Interculturais, organizado por Rosa Bizarro em 2007 e editado na Areal Editores, Porto².

Esperamos que este pequeno livro traduza alguns dos desafios do futuro e que suscite olharmos o momento histórico que vivemos como uma oportunidade para pensarmos as alternativas antropológicas necessárias à construção de uma Humanidade mais plena.

² Referências completas cf. Bibliografia. A unidade do conjunto deste trabalho, urdido na proximidade e familiaridade de temas e problemas exigidos pela reflexão sobre a condição humana e a condição urbana contemporâneas, permite apresentar uma única bibliografia.